

## DICIONÁRIO REGIONAL - VERBETES QUE SE PARTICULARIZAM

Marilda F. Dias<sup>1</sup>

**Resumo:** A tecnologia dicionarística possibilitou e ainda possibilita o conhecimento sobre a formação da língua portuguesa falada no Brasil. Após a instituição da escrita como prática a todo cidadão, a necessidade de se conhecer o léxico da língua escrita foi o estopim para os estudos sobre a formação léxica das línguas. No Brasil, várias foram as tentativas de se organizar, em dicionários, listas de palavras, glossários, o léxico empregado pelos brasileiros. Neste artigo buscamos analisar a territorialização de um léxico na região da Baixada Cuiabana, e observar se podemos tomar esse verbete como sendo específico dessa região ou de uso em todo o território brasileiro. Utilizamos como *corpora* o *Dicionário Cuiabanês*, de William Gomes (1996?), a obra *O Linguajar Cuiabano*, de Antonio Arruda, e o *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*, na versão 2.0a, (2007), de Antônio Houaiss.

**Palavras-chave:** Dicionarização; léxico; territorialização; regionalismo.

**Resume:** La technologie dicionarística activé et permet encore les connaissances au sujet de la formation de la langue portugaise parlée au Brésil. Après l'institution d'écriture comme pratique de chaque citoyen, la nécessité de connaître le lexique de la langue écrite a été la estopim d'études sur la formation léxica de langues. Au Brésil, il y a eu diverses tentatives d'organiser, dictionnaires, listes de mots, lexiques, le lexique exercée par des Brésiliens. Dans cet article nous analyser la territorialisation un lexique de la région des basses terres Cuiabana, et d'observer si nous pouvons prendre cette entrée comme région spécifique ou d'utiliser tout au long du territoire brésilien. Nous avons utilisé le *Dicionário Cuiabanês*, William Gomes (1996?), le travail *O Linguajar Cuiabano*, Antonio Arruda, et *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*, dans la version 2.0a, (2007), Antônio Houaiss.

**Mots-cles :** Dicionarização; lexique; territorialisation; régionalisme.

### Introdução

Os estudos das ciências da linguagem possibilitam estudos da diversidade da linguagem no tempo e no espaço. Segundo Auroux (1992), as ciências da linguagem surgiram de modo espontâneo em alguns lugares e, em outros, por transferência, no caso, os países colonizados, cuja língua foi descrita com base na gramática da língua do colonizador. Sobre o saber

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela UNICAMP, 2008-2012; Professora de Língua Portuguesa na UNEMAT.

metalingüístico, o autor diz que pode ser de *natureza especulativa* ou *prática*. Na prática encontramos o domínio da escrita e a possibilidade de estudos não considerados relevantes para a linguística moderna.

Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo, selecionem os mesmos fenômenos, assim como línguas diferente, inseridas em práticas sociais diferentes, não são os mesmos fenômenos (AUROUX, 1992, p.14).

Nessa linha, a disciplina História das Ideias Linguísticas fornece caminhos para estudos de gramática e dicionários, vendo-os como instrumentos linguísticos e “parte da relação com a sociedade e a história” (ORLANDI, 2001, p.8). A articulação entre a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas permite descrever as condições de produção do discurso dicionarístico, questionando o modo como um determinado verbete tem a ver com a sociedade e a história, isto é, compreender como se dá o movimento do sentido, na possibilidade do sentido ser outro, pois como diz Milner (1987), a língua é sujeita a falhas e o seu real é inatingível, embora o dicionário tente mostrar a estabilidade de sentido.

Nossa análise de dicionário foi pensada a partir de um dispositivo analítico, que se apoiou em algumas questões, como: como os sentidos se mostram em situações de análise? De que modo os sentidos deslizam e são retomados pelos produtores do dicionário? É possível estabelecer uma rede de significados entre um dicionário que se diz regional e outro de circulação nacional? É possível dizer se um verbete tem uma identidade regional?

Para buscar possíveis respostas a essas questões, tomamos o *Dicionário Cuiabanês*, de William Gomes (1996?), no qual o autor busca reunir verbetes que aparecem na fala da baixada cuiabana que são julgados como de uso exclusivo dessa região, compreendida a capital, Cuiabá, e seus municípios circunvizinhos. Ao ouvir a afirmação de que alguns verbetes

pertencem ao uso exclusivo dessa região, despertou-nos o interesse em percorrer os termos reunidos nesse dicionário, buscando compreender como os verbetes produzem sentidos para, assim, podermos considerá-los como regionais ou ver se eles compõem uma identidade nacional.

As análises tentarão responder às indagações, para isso procuraremos nos ater em observar se a palavra escolhida consta no *Dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss* (DH), de vigência nacional, e caso haja a confirmação, ficará assegurado que esse vocábulo é de uso, ou de conhecimento nacional, mas se constar somente no dicionário cuiabano, o denominaremos de vocábulo regional.

Esse lugar ocupado pelo verbete estabelece uma territorialidade para formas específicas, apontando para a natureza de uma sociedade que nomeia e atribui sentidos, pois, segundo Horta (2002, p.108), “A territorialidade se relaciona a um real que constantemente clama por sentidos, e cuja interpretação estabelece limites espaço-temporais nos quais se inserem os sujeitos.”

Observaremos, no *Dicionário Cuiabanês* (DC), como o verbete se constitui e se a textualidade dos subdomínios permite ver essa constituição como unidade de língua portuguesa, ou como uma descrição de coisas ou comportamentos de sujeitos históricos. A análise se volta para os sentidos e as retomadas de sentidos entre verbetes com a finalidade de analisar as suas construções/significações.

## 1 Dicionarização

O processo de dicionarização teve início no período de colonização no Brasil, quando a Europa deu início à exploração além-mar, período em que ocorria a formação das línguas nacionais. As escolas monásticas se beneficiaram de uma pré-lexicografia elaborada na Europa, no século XI e,

muitos desses materiais produzidos contribuíram para o aparecimento dos dicionários. Portugal possui um dos mais importantes deles, o *Elementarium*, do ano 1050, tido como um texto elaborado na estrutura inspiradora das futuras tentativas de informações lexicográficas. A prática da escrita exigia um estudo mais elaborado da língua em questão e, com isso, a escolarização do latim faz surgir a necessidade de compreensão do léxico próprio da escrita que se diferenciava do oral. Com o intuito de facilitar os estudos da significação lexicográfica, deu-se início à composição de listas de palavras, cujo empenho era tornar acessível o entendimento do léxico escrito.

Em Portugal, durante o século XIX, Moraes (1954) elabora um dicionário monolíngue que foi reeditado várias vezes e, no Brasil, vários dicionários bilíngues são elaborados por autores vinculados às instituições ligadas ao Império. Somente na segunda metade desse século é que aparecem os dicionários de complemento aos dicionários portugueses, como os de regionalismo, brasileirismos e termos técnicos.

No Brasil as línguas indígenas faladas na costa litorânea sofrem um período de descrição e de gramatização e, somente no final do século XVIII e início do XIX, começam os estudos sobre o português no Brasil. Os primeiros dicionários bilíngues, como o português-tupi, foram elaborados por jesuítas, relatos de viajantes e missionários, considerados enciclopédias por apresentarem os vocábulos indígenas transcritos, comentados, explicados e dispostos em listas temáticas.

Macedo Soares (meados do séc. XIX) fez a primeira tentativa de reunir vocabulários com definições fonéticas e etimológicas do léxico brasileiro, que não eram contempladas pelos dicionários portugueses. Uma parte desse estudo foi publicada em 1888, e a outra, reunida por seu filho, publicou-se em meados do século XX.

Maria Tereza Camargo Biderman (in: HORTA, 2002, p.72) exemplifica um tipo dessa definição:

**caipira** s2., 1º morador de fora do povoado; gente que não vive na sociedade mais culta das vilas e cidades. “Em Pernambuco, chama-se aos homens da roça, do campo ou mato, *matutos*; o mesmo é em Alagoas. O *matuto* é o caipira de S.Paulo e o *tabaréu* da Bahia.” J.Aug. da Costa RBr2. IV, 348. “Vem peludo como um caipira.” Red. Brasil 28 jul. 83 “Na roça, entre caipiras e matutos, é conhecida a interj. *ehá!* E outros cacoetes em que se ouve essa inspiração de sons.” B.Caet. Ens.Sc. 1,57. “Um caipira nobre não recua.” Aparte à conferência de J.Patroc. ap. JC. 15 out. 88 || 2º fig.. inculto, grosseiro, de maneiras acanhadas. || Etim. tp.-guar.: *s.caá* mato + s. *ipir* = *ipì* princípio, base; adj. primitivo, oriundo: filho do mato, originário da roça. Batista Caetano traduz *caipira* pele tostada, de *cai* queimado + *pir* pele; ou então, o homem corrido, envergonhado, abatido, submetido, de *cai* vergonhoso, acanhado, medroso. ABN. VI, 12. Rejeitamos a segunda explicação porque os brasis, muito precisos na nomenclatura, não tinham em conta qualidades morais, que os induzissem a designações de objetos caracterizados por elas. E a primeira por se não adaptar o nome à coisa. *Caipira* nunca significou trigueiro, moreno, fusco etc. ½½ Geogr. e SIN. 1º *baiano*, Piauí; *caboclo* 5º (?), *caburé*, Goiás, M. Gr.; *cabra*, Ceará; *casaca*, Piauí; *gaúcho*, *guasca*, RGS; *matuto*, R. Jan..Pern., Paraíba, RGN; *restingueiro*, *mandioqueiro*, *roceiro*, R. Jan.; *tabaréu*, R. Jan., Bah., Serg.; *tapuia*, Pará, Am. Em Port. *campônio*, *camponês*. 2º *peludo*. Min.

Sobre os *relatos*, Horta (2006) diz que se caracterizavam por apresentar diferentes formas ortográficas para a mesma palavra, devido à sensibilidade fonética dos viajantes, por formarem domínios de nomeações para elementos naturais etnográficos, por narrarem e descreverem o acontecimento discursivo. Diz, ainda o ator, que esses *relatos* representam, muitas vezes, situações de diálogos.

Como exemplos de organização do léxico brasileiro, apresentamos coletâneas vocabulares de caráter regional, tais como: *Coleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, de A. Pereira Coruja (1852); *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa*, de B.C. Rubim (1853); *Vocabulario*

*indigena em uso na Provincia do Ceara*, de P. Nogueira (1887); *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, de A. J. Macedo Soares (1888); *Vocabulario dos termos technicos de construcao naval* (anexo de: Ensaio sobre as construcoes navaes indigenas no Brasil), de A. A. Camara (1888); *Vocabulário sul-riograndense*, de Romaguera Corrêa (1889); *Dicionário de vocábulos brasileiros*, de Beaurepaire-Rohan (1889); *Dicionário de Brasileirismos. Peculiaridades pernambucanas*, Rodolfo Garcia (1915); *Vocabulário Pernambucano*, Pereira da Costa (1937) (BIDERMAN, in: HORTA, 2002, p. 70 e 71).

Em 1898, a elaboração de um dicionário de “brasileirismos” foi proposta por Machado de Assis; em 1924, Laudelino Freire elabora e apresenta à Academia Brasileira de Letras, em cinco tomos, o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1939-1944).

Em 1938, foi publicado o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, com um número de léxico relativo à flora, fauna, costumes e cultura do Brasil, em volume único, para preencher um espaço vazio sobre a variedade linguística brasileira.

Antenor Nascente foi escolhido pela Academia, em 1940, para elaborar um dicionário que, entregue em 1943, só foi publicado em 1967.

No Estado de Mato Grosso, já havia um movimento sobre alguns escritos da língua falada, na tentativa de se fazer conhecer e socializar as particularidades do linguajar regional. Em 1952, Arruda publica, na Revista *Ganga*, “O linguajar cuiabano”. Em 1978, Maria Francelina Ibrahim Drummond escreveu *Do falar cuiabano*, e citou Franklin Cassiano da Silva, que também publicou *Subsídios para o estudo da Dialectologia em Mato Grosso*, livros considerados importantes sobre o linguajar da região.

## 2 Contexto dicionarístico

Cuiabá, a capital mato-grossense, está localizada no Centro Geodésico da América do Sul; teve seu início com a vinda de bandeirantes paulistas à procura de metais preciosos e na captura de índios para o trabalho escravo, descobrindo ouro às margens do rio Coxipó. Essa descoberta ensejou a fundação de Cuiabá, surgindo o “Arraial de Forquilha”, o primeiro povoamento que daria origem à cidade. Famílias foram formadas entre os bandeirantes e a população aqui existente, os índios bororo. Essa prática provocou a incorporação do dialeto piracicabano, que já era uma junção do português arcaico com as línguas africanas e indígenas formando um dialeto caipira, à família linguística bororo, do tronco Macro-Jê, ao qual pertenciam a maioria das línguas dos povos indígenas do Estado.

O linguajar cuiabano herdou as formas provenientes dessa mistura linguística, que permaneceram, por séculos, intactas, em face do isolamento da população, até a abertura da navegação fluvial pelo Rio da Prata. O intercâmbio com o resto do país era escasso, e as elites vinham quase sempre do Rio de Janeiro. Com a navegação, os jovens passaram a frequentar escolas superiores do país, e, ao regressarem, traziam novos hábitos e, junto, outra linguagem. O “cuiabanês” se estabeleceu, então, em alguns pontos da cidade, principalmente no interior do Estado. A fala de alguns grupos da região se tornou muito diferente em relação à fala de outras regiões do estado, até mesmo de grupos da própria região, tornando-se motivo de piadas e gracejos, como vemos em textos humorísticos que imitam dicionários bilíngues:

Inglês	Português	Cuiabanês
What	O que?	Agora, que qué esse?

Come here.	Vem aqui.	Nhá cá.
Why?	Por quê ?	Agora quando
Mother	Mamãe	Máááámánhe
Oh my God	Oh meu Deus	Tchá por Deus
Children	Crianças	Créanças
Brother	Irmão	Xománo
Gossip	Fofoqueiro	Futchiquero
Slipper	Chinelo	Bambolê
What's the name of their parents ?	Qual o nome dos seus pais?	Fio de quem que é?
I'll give you a punch	Vou te dar um soco	Vô pregá mão na xá cára

### 3 Os dicionários

O *Dicionário Cuiabanês*, de William Gomes (1996?), 322 páginas, traz estampada em sua capa uma figura que reproduz traços de um corpo masculino, trajando roupas, sapato e chapéu. Esse ‘homem’ segura uma mão-de-pilão e soca palavras em um pilão, enquanto as palavras saem pelo ar, como caindo do recipiente. O que chama a atenção é que algumas palavras que ali estão não constam como verbetes na obra. No pilão está escrito: “pilão de soca sebo” que, como verbete, quer dizer “peça feita de madeira para socar sebo” (p. 254). Não traz informação sobre editora, local de edição e impressão, nem data exata de publicação.

A obra *O linguajar cuiabano*, de Antonio Arruda, 286 páginas, editado em 1998, faz parte das memórias de Mato Grosso. Apresenta em sua capa a figura de um casarão antigo, e foi escrito a partir de observações pessoais e de pesquisas em outros autores mato-grossenses, ao longo de muitos anos. Além dessa obra, há trabalhos publicados em revistas da



Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico do Geográfico de Mato Grosso e da Escola Superior de Guerra, e também nos jornais *Diário de Cuiabá*, *A Cruz*, *Folha do Estado*.

Utilizaremos, ainda, o *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*, na versão 2.0a, de 2007, de Antônio Houaiss.

Uma parte muito importante para a análise de um dicionário é seu prefácio. Segundo Horta (2006), no prefácio o lexicógrafo constrói a imagem de seu leitor e de seu dicionário, coloca o plano da obra, sua concepção de língua e outros procedimentos nos quais a obra se insere. Este tipo de texto contextualiza o texto dicionarístico, informando sobre o lugar de sua confecção, sobre o autor e seus objetivos com este trabalho. Na falta desse texto, sua historicização fica prejudicada.

O autor apresenta o *Dicionário Cuiabanês* como um trabalho para “resgate dos nossos traços culturais e servir de instrumental para fonte de consulta, de forma mais prática possível”. Os verbetes foram coletados em forma de anotações, através de pesquisa bibliográfica e entrevistas. O autor se apresenta, ainda, em sua biografia, de forma sucinta. Os verbetes registrados são palavras e expressões que já foram ou são empregados, na sociedade, pelos cuiabanos.

O *Dicionário Eletrônico Houaiss* se apresenta como um “levantamento de uma nominata abrangente cujas entradas ganhassem definições ancoradas nos estudos de nosso grupo de etimólogos; levantamento e análise minuciosa dos elementos mórficos da língua como base do estabelecimento de grandes famílias lexicais, e máximo esforço de datação das unidades léxicas a definir”. O dicionário traz, em separado, a biografia do autor Antônio Houaiss.

Antonio Arruda comenta em sua apresentação sua trajetória de autor regional, que busca deixar gravado as marcas indelévels da comunidade

linguística em que está inserido. Fala das obras que elaborou e as dificuldades em colocá-las em circulação, em nomeá-las, em divulgá-las. Sobre essa obra ele diz que foi uma elaboração realizada ao longo de anos, coletando dados na comunidade e em outros autores mato-grossenses.

#### 4 Análise de verbetes

Do *Dicionário Cuiabanês*, tomamos o primeiro e o último verbete de cada sequência alfabética: a; b; f; g; p; z; quando se tratar de uma expressão, verbete formado por duas ou mais palavras, procuraremos pela primeira palavra que vier em seguida a ela, ou ao contrário, voltar até a primeira palavra que encontrar, porque as expressões carecem de um estudo diferenciado do olhar uma palavra isoladamente.

Selecionamos, de forma aleatória, alguns verbetes do *Glossário* de Arruda para exemplificar como são empregados na linguagem cuiabana com sentido de emprego regional.

#### 4.1 Os verbetes

##### 1. acalentá/acalentar

a) DC: *Acalentá*

*Fazer crer em alguma coisa. Colocar na cabeça de alguém uma idéia qualquer; esperança.*

*“Dito Cavalo vai acalentá Rabicó que a namorada gosta dele.”*

b) DH: acalentar

- verbo

transitivo direto e pronominal

**1** aquecer(-se) nos braços, aconchegando(-se) ao peito e cantando em surdina; embalar(-se), adormecer ou fazer adormecer ao som de cantilenas ou cantigas de ninar

Ex.: <a mãe acalentava o bebê> <nada melhor do que se a. nos braços da mãe>

transitivo direto e pronominal

- 2 Derivação: por extensão de sentido.  
chegar a si; tomar nos braços; aconchegar(-se)  
Ex.: <o filho acalentava o corpo morto do pai> <é bom ter alguém em quem se acalentar>  
transitivo direto e pronominal
- 3 tornar(-se) tranqüilo; serenar(-se), assossegarr(-se)  
Ex.: <a música acalenta os nervos> <vocês precisam a.-se num lugar retirado>  
transitivo direto
- 4 levar consolo a; confortar  
Ex.: o que os acalenta é a esperança da salvação  
transitivo direto
- 5 Derivação: sentido figurado.  
dar incentivo a (idéias, planos, projetos etc.); alimentar, nutrir  
Ex.: <a. esperanças> <o pai acalentava os projetos do filho>

O ponto de entrada para este verbete é feito de maneira diferente. Gomes (1996) dá início com uma caracterização, e Houaiss (2007) com a gramatização - classificação. Os verbetes, embora grafados de formas diferentes, apresentam um ponto em comum para significar na derivação pelo sentido figurado. Enquanto no DC, o autor grafa a palavra legitimada pela oralidade e aponta o uso para um único significado, Houaiss a classifica gramaticalmente e lhe atribui cinco sentidos, empregando expressões e frases apenas para exemplificar. Diferentemente, o autor do DC utiliza frases para descrever uma situação de uso

Compreendo que há, nesse caso, uma territorialidade nacional, expandindo o uso do verbete, conferindo-lhe uma identidade nacional e não somente regional. Gomes centraliza o sentido do verbete na derivação, como sentido figurado, indicando uma identidade regional para esse uso.

Arruda (1998) traz algumas palavras que permaneceram na fala cuiabana como marca do arcaísmo da língua falada há séculos no Brasil, usadas em várias partes do país, principalmente na zona rural, sendo uma delas muito empregada na Baixada Cuiabana: *aloito*, citado por Houaiss

(2007) como regionalismo no Brasil, uso informal; verbo *aloitar*, transitivo direto e intransitivo, significando “envolver(-se) em luta corporal; lutar.”

## 2. audacioso

a) DC: *Audacioso(a)*

*Pessoa intrometida.*

“*Ela é audaciosa. Vai entrano sem pedi.*”

b) DH: *Audacioso*

- adjetivo

1 que, temerariamente, realiza ações difíceis, afronta obstáculos e situações de risco; valente

Ex.: soldado a.

2 que é inovador, arrojado

Ex.: um cientista a.

3 que é atrevido, petulante

Ex.: criado a.

4 que requer ou envolve audácia; arriscado; arrojado; petulante

Ex.: <um plano a.> <uma crítica a.>

O DH não indica nenhum uso regional para o vocábulo *audacioso*, mas no exemplo de Gomes (1996) aparece caracterizado como *intrometida*, e pode significar ainda como *atrevido*, *petulante* (item 3). Gomes atribui somente um sentido para o uso do vocábulo, portanto, somente essa leitura não nos permite dizer que a palavra seja de domínio regional cuiabano.

## 3. Bacuri

a) DC: *Bacurí*

*Menino.*

“*Ele tem um bacuri.*”

b) DH: *Bacuri1*

- substantivo masculino

Rubrica: angiospermas.

- 1 grande árvore (*Platonia esculenta*), da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana
- 2 Derivação: por metonímia.  
fruto dessa árvore
- 3 m.q. *guacuri* (*Attalea phalerata*)

### **Bacuri**<sup>2</sup>

-substantivo masculino

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

bebê do sexo masculino; menino pequeno  
orig.obsc.; não se exclui ligação com *bacorinho/bacorim*

### **bacorinho**

-substantivo masculino

- 1 Regionalismo: Brasil.  
bácoro pequeno
- 2 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.  
criança ou filho pequeno; neném
- 3 (1986) Regionalismo: Portugal (dialetismo).  
m.q. *vitelo*

acp. 1 e 2, bacorim; ver tb. sinonímia de *leitão*

### **bácoro**

- substantivo masculino  
porco novo; bácaro

### **vitelo**

substantivo masculino

- 1 novilho que ainda não tem um ano
- 2 Rubrica: embriologia.  
material nutritivo contido no óvulo dos animais, composto esp. por proteínas, lecitina e colesterol; lécito  
Obs.: cf. *gema*

Em Gomes, o sentido atribuído a “bacuri” desliza e se apropria do uso informal dado em Houaiss. Para este autor, o primeiro sentido “bacuri 1” designa a flora, cuja referência científica e descrição destaca-o dos demais gêneros de plantas. Porém, há um “bacuri 2”, onde o autor apresenta

um emprego regional, informal: “bebê do sexo masculino”. Emprego para o qual o autor diz que “não se exclui ligação com “bacorinho/bacorim”, o que nos levou a buscar “bacorinho” no mesmo dicionário e que, como os sentidos reclamam por outros sentidos, tivemos de buscar “bácoro” e “vitelo”. Dessa forma, nessa condição de produção, o verbete em DC é significado na contradição e pelo regionalismo, garantindo seu registro nesse dicionário como um vocábulo de uso informal que busca a confirmação de seu significado em “animal novo”, o que o faz produzir esse efeito de sentido em “bebê”.

No *Glossário* de Arruda encontra-se outro significado empregado para *menino*:

*Canivete* - Rapaz muito jovem. “Ela disse que não dança com canivete”.

#### 4. Bundeta

a) DC: *Bundeta*: quem manca por ter uma perna só. “Não correu muito, o sujeito é bundeta.”

b) DH: (?)

Não há registro desse vocábulo em Houaiss, mas em Gomes há uma descrição do significado de “ser bundeta”. Podemos dizer que esse verbete, por ser de uso regional, é um verbete “cuiabanês”, representando a identidade do falar da Baixada Cuiabana.

#### 5. Fuá

a) DC: *fuá*: bagunça, briga, confusão. “Os alunos estão no maior fuá.”

b) DH: *Fuá*

-substantivo masculino

1 Regionalismo: Brasil.

- comentário maldoso; intriga, mexerico
- 2 Regionalismo: Norte do Brasil.  
m.q. *caspa*
- 3 Regionalismo: Norte do Brasil.  
pó extremamente fino resultante da descamação da pele arranhada  
- substantivo de dois gêneros  
Rubrica: malacologia.
- 4 m.q. <sup>2</sup>*aruá* (*Pomacea* sp.)  
- adjetivo de dois gêneros  
Regionalismo: Brasil.
- 5 que age com valentia; valentão
- 6 que se mostra desconfiado, manhoso (diz-se de equino); puava

Gomes traz definições para o verbete *fuá* que não encontra eco nas definições trazidas por Houaiss. Este informa que o verbete é um termo regional, evocado pela memória discursiva, e em cada região o seu emprego produz diferentes sentidos. Talvez, por isso, a região cuiabana atribua o sentido de “bagunça, briga, confusão” como uma proximidade de sentido entre as informações dadas por Houaiss, porém, não possui homogeneidade. Podemos dizer que o verbete, nesse sentido empregado, pertence aos falantes cuiabanos.

## 6. Fovero/Fouveiro

a) DC: *Fovero: descorado, sem cor, desbotado. “O vestido ta muito fovero.*

b) DH: *Fouveiro:*

- adjetivo  
castanho-claro, malhado de branco (diz-se esp. de cavalo)

Horta (2006) diz que o lexicógrafo registra muitos verbetes guiado por sua sensibilidade em ouvir. Parece-me que no verbete “favero” há uma representação da oralidade, da fala do sujeito cuiabano que, assim como os sujeitos de outros lugares do país, não pronuncia a semivogal que compõe o ditongo “ou” e “ei” do verbete “fouveiro”.

Analisando por essa vertente, podemos afirmar que as duas palavras

são as mesmas e que a modificação fonológica sofrida alterou a grafia como também o sentido. Podemos perceber, entre as definições dadas por ambos os autores, que há uma compatibilidade de sentidos entre “castanho-claro” ou “malhado de branco”, adjetivos atribuídos a cavalos, para se falar de um vestido que está “desbotado”, “sem cor”, “descorado”. O sentido sofre uma mudança por analogia, sendo empregado na região em estudo, podemos afirmar que esse verbete seja exclusividade da fala cuiabana.

## 7. Garrafada

a) DC: *garrafada: mistura de raízes, de poder medicinal, com pinga, álcool, biotônico,*

*ou outro complemento. “Dizem que garrafada evita gravidez.”*

b) DH: *Garrafada*: ■ substantivo feminino

Uso: informal.

1 medicamento líquido

1.1 Regionalismo: Brasil.

beberagem preparada e vendida como remédio por curandeiros

2 Derivação: por extensão de sentido.

o conteúdo líquido de uma garrafa

3 golpe desferido com garrafa

Como as definições de “garrafada” dadas pelos autores produzem sentidos semelhantes, pelo menos em uma das características, já se comprova que esse verbete não faz parte dos vocábulos regionais cuiabanos. O que podemos observar são os deslizamentos de sentido, a forma de entrada para as definições. A descrição dos sentidos feita por Gomes é uma forma de escrita que retrata a definição de Houaiss, como “beberagem preparada e vendida como remédio por curandeiro”. Este autor inicia a definição ‘gramaticalizando’ a palavra e, ao dizer “uso informal”, apresenta-o como possibilidade de emprego, em condições de produção da formulação pelo sujeito, próprias de regiões particulares e não como um sujeito que representa todo o povo brasileiro.



## 8. Grudado

a) DC: *Grudado: junto, próximo, pregado. “Professora Estela anda só grudado co Nirto.”*

b) DH: *Grudado: ■ adjetivo*

-que grudou

1 colado com grude

2 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.  
emocionalmente apegado; ligado

Ex.: ele vive g. à saia da mãe

Quando o dicionarista cita o processo de derivação, articula a possibilidade de se pensar a polissemia atuando nessa caracterização, quer dizer, os diferentes sentidos que podemos obter no emprego de uma palavra de acordo com a situação discursiva. Percebemos que Gomes cita exemplo de polissemia muito utilizado pelos falantes da língua portuguesa, fazendo com que não seja possível dizer que “grudado” faz parte somente do uso cuiabano.

## 9. Paculama

a) DC: *paculama: cambada de pacú, bastante pacú.*

*“Na Passagem tá dano uma paculama que ocê precisa vê!”*

b) DH: (?)

Houaiss não fornece uma definição para o verbete destacado acima, isso mostra que o verbete não possui variação de sentido, existindo sob uma forma gráfica única, com um significado determinado pelo uso regional, atestando seu pertencimento ao falar “cuiabanês”. O sujeito é assujeitado à língua e, ao fazer uso da língua, provoca mudanças, transforma sentidos,

reinventa a grafia como um processo vivo que se movimenta pelas condições de produção.

Semelhante a esse verbete, Arruda apresenta:

*Cambada - porção de peixe, em geral, de três a cinco, enfeixados com um cipó.*

No *Dicionário Eletrônico*, encontramos:

-substantivo feminino

- 1 quantidade de objetos pendurados, enfiados ou amarrados em algum suporte (fio, gancho, argola, pedaço de pau etc.)
- 1.1 molho de chaves; cambulha
- 2 grande porção ou quantidade de coisas; cambulha, cambulhada
- 3 (1813)  
grupo ou bando de indivíduos maus, ordinários ou criminosos; corja, súcia
- 4 Regionalismo: Brasil.  
grupo de pessoas com alguma característica comum (p.ex., da mesma classe social ou família, ou que têm a mesma função etc.)  
Ex.: o chefe e sua c.

É possível efetuar uma associação de semelhanças de significados entre *quantidade de objetos pendurados, enfiados ou amarrados em algum suporte*, sendo os objetos, na região, tomados como *peixe*. Para o regionalismo, o *Dicionário Eletrônico* não responde ao sentido dado por Arruda.

## 10. Puxado

a) DC: *Puxado: Peça complementar, construída na casa. Aumento da área construída.*

“Mané Baludo tá com um puxado na casa.”

b) DH: *Puxado:*

- adjetivo

- 1 que se puxou até esticar; esticado, retesado
- 2 esmerado no trajar ou no falar
- 3 Rubrica: culinária.  
muito apurado, concentrado (diz-se de iguaria, esp. molhos)

- 4 oblíquo, amendoado (diz-se de olho)  
Ex.: um oriental de olhos p.
- 5 Uso: informal.  
elevado, caro (diz-se de preço)  
Ex.: seu orçamento está muito p.
- 6 que demanda muito trabalho e tempo; árduo, difícil, trabalhoso  
Ex.: jornada de trabalho p.
- 7 Regionalismo: Brasil.  
cansativo, exaustivo  
Ex.: uma caminhada p.
- 8 Regionalismo: Pará.  
com aspecto doentio; abatido  
- substantivo masculino
- 9 Regionalismo: Brasil.  
m.q. *puxada* ('acréscimo')
- 10 Regionalismo: Sul do Brasil.  
m.q. *asma*

Houaiss diz que 'acréscimo' é aquilo que se acrescenta, e por essa definição podemos tomar o verbete como sendo o mesmo dado por Gomes. "Puxado" se constitui no mesmo lugar de "acréscimo", passando a informação de que "algo foi acrescido a", no caso de DC uma área a mais passa a fazer parte de uma área já construída que resultou em uma casa. Não podemos deixar de observar que este é um uso regional e a região pode ser a cuiabana, só não somos autorizados a afirmar o termo como 'cuiabanês' porque esse regionalismo é de uso em todo o Brasil.

Este verbete é citado também, por Arruda, escrito como Houaiss: *puxada*, trazendo como definição: *construção adicional, em prolongamento da casa.*

## 11. Zunida

a) DC: Zunida - *Barulho, ruído.*

*"Maria Carrité tá cô uma zunida no ouvido."*

b) DH: Zunido

-substantivo masculino

- 1 ato ou efeito de zunir; zunimento  
1.1 m.q. *zumbido*

### Zumbido

- substantivo masculino

- 2 ato ou efeito de zumbir

- 2.1 o ruído produzido por certos insetos, como a abelha, o besouro, a mosca etc.; zunzum

- 2.2 Derivação: por analogia.

ruído semelhante ao produzido por insetos; zunzum, zunzunzum

- a. impressão de um zumbido nos ouvidos, produzida por causa patológica ou

psicológica, ou ainda por um sobressalto, explosão, estrondo etc.

A linguagem oral não é universalmente partilhada e sim restrita ao grupo que a produz. O homem aprende a falar a língua da sua comunidade, onde circula e vive e é a escrita que exterioriza essa língua e reflete os contornos fônicos produzidos pelos falantes. Como nos diz Abaurre (In: COX e ASSIS-PETERSON, 2001, p.57):

O processo de aquisição da escrita redefine necessariamente a relação dos indivíduos com a língua materna, uma vez que a exteriorização da língua, propiciada pela escrita, faz com que ela possa ser refletida em um espaço gráfico, materializada, por assim dizer, por meio de contornos que não são mais os fônicos.

No caso de *zunida*, o correspondente em Houaiss é *zunido*, uma palavra masculina, o que nos informa outra peculiaridade da fala cuiabana: a flexão diferente de gênero. Essa marca é registrada pelo lexicólogo, tal como se apresenta na comunidade falante. O sentido sedimentado pelo uso da Baixada Cuiabana remete a uma ‘derivação por analogia’, uma regularidade presente na língua que, nesse caso, reside em “ruído semelhante ao produzido por insetos; zunzum, zunzunzum.”

## 12. Zangado

a) DC: *Zangado: furúnculo preste a furar. “Tchico não pode nem sentá, o furúnculo ta zangado.”*

b)DH: *Zangado:*

- adjetivo

1 que se zangou; que experimentou cólera ou aborrecimento

2 m.q. *zangadiço*

3 Regionalismo: Beira Alta, Trás-os-Montes.  
que foi transposto, pulado

Ex.: muro z.

A condição de produção influencia o lexicógrafo a organizar o dicionário, pois, segundo Horta (2006, p.19), a condição de produção formulada na AD “leva a considerar os fatores extralingüísticos para a compreensão dos discursos.” Quando o lexicógrafo se deixa seduzir pela articulação fônica da palavra, pela produção da fala, ele grafa o verbete tal como ele é falado.

O regionalismo apresentado por Houaiss não pode ser estendido para o regionalismo pesquisado por Gomes, os sentidos dados aos verbetes não se correspondem. Houaiss procura representar uma prática discursiva de regiões de outro país. Gomes, como lexicólogo, descreve esse verbete como um narrador que se multiplica em diversas vozes que aprovam seu trabalho, regulam os sentidos e estabelecem a legitimidade. Uma conjuntura posta para o funcionamento linguístico que libera os sentidos à forma “zangado”, captados por Gomes para torná-lo “cuiabanês”.

Em Arruda encontramos, ainda, alguns verbetes empregados na região cuiabana, cujos sentidos não guardam semelhanças com os do *Dicionário de Houaiss*.

<i>Bandulho - briga</i>	<i>Chaté - baixote</i>
<i>Bingo - Pênis</i>	<i>Curtido - cínico</i>
<i>Bolacha - bolo</i>	<i>Despotismo - muito abundante</i>
<i>achataado</i>	<i>Empamonado - tutu de feijão</i>
<i>Brechó - sapato</i>	<i>Grulha - tapado, bronco</i>
<i>frouxo ou cambaio.</i>	<i>Imbricar - virar</i>
<i>Chá - café da manhã</i>	<i>Invisive - grampo</i>

Se considerarmos os verbetes destacados, observaremos que são empregados tanto pelos três lexicógrafos como por Houaiss como sendo de emprego regional, de forma arcaica, somente falados em zonas rurais, distanciadas dos grandes centros. Por outro lado, podemos afirmar que esses vocábulos são empregados na atualidade por grande parte dos cidadãos cuiabanos, compreendendo “cuiabano” aquele que reside na Baixada Cuiabana, região explorada no início da ocupação do Estado.

### **Considerações gerais**

A tentativa de conclusão pode ser vista como uma forma de interromper um primeiro movimento de análise e de instigar para nova análise sobre o tema abordado. A satisfação em poder compreender o trabalho do lexicógrafo, as condições de produção que influenciam na organização de um dicionário e como os sentidos fluem dependendo delas, não atenua a curiosidade por outras análises, ao contrário, estimula e desperta a necessidade intelectual por novos conhecimentos.

As leituras e a análise nos autorizam a dizer que no Dicionário de Gomes se dá a historicidade da língua e do sujeito cuiabano, tornando evidente o esforço do lexicógrafo em organizar um léxico que está intimamente ligado a uma tipologia discursiva que tenta retratar uma “configuração localizada” (HORTA, 2006, p.5), própria dos viajantes quando comentavam os verbetes na elaboração de listas de palavras. Tanto em Gomes quanto em Arruda há a presença da oralidade registrada nos

verbetes, o que aproxima essas obras dos exemplos descritos por Horta (2006). Os autores buscam, na sonoridade da pronúncia, atribuir um sentido nos momentos de enunciação, distinguindo, também, a comunidade linguística de uso desse vocábulo.

A produção de um dicionário como o de Gomes, que insiste em manter vivos os sentidos pertencentes a uma memória regional, mostra a falta de uma institucionalização que o estabeleça e o consolide, que veja como verdadeira a sua formulação.

Auroux (1992, p. 11) sustenta que todo saber linguístico é resultado de um produto histórico que se localiza no tempo e no espaço.

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber.

A análise possibilitou a compreensão do avanço tecnológico dos estudos de nossa língua e das formas de representar essa tecnologia, como também a olhar para as diferentes expressões vocabulares como registros regionais da língua portuguesa que ficaram circunscritos a um tempo e a um espaço.

## Referências

- ABAURRE, M.B. **A alfabetização na perspectiva da linguística: contribuições teórico-metodológicas.** In: COX, Maria Inês P.; Assis-Peterson, Ana Antônia de (org.). *Cenas de sala de aula.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. – Coleção Ideias sobre Linguagem.
- ARRUDA, Antonio de. **O linguajar cuiabano e outros escritos.** Cuiabá-Edição do autor, 1998.

AUROUX Sylvain. **A Revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GOMES, William. **Dicionário Cuiabanês**. s/l: (1996?).

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Versão 2.0a, abril, 2007, Editora Objetiva Ltda.

NUNES, José Horta. (Org.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002.

NUNES, José Horta. **Léxico e língua nacional**: apontamentos sobre a história da lexicografia no Brasil. In: ORLANDI, E. *História das ideias linguísticas*: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001. p.71-87.

NUNES, J. Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história. Campinas, SP: Pontes Editores- São Paulo: Fapesp- São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

ORLANDI, E. **Do sujeito na história e no simbólico**. In: *Escritos*. Contextos epistemológicos da análise de discurso. N. 4, maio, 1999, p.17-27, LABEURB.

PÊCHEUX, M. **Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso**. In: *Escritos*. Contextos epistemológicos da análise de discurso. N. 4, maio, 1999, p.7-16, LABEURB.

<http://www.rdnews.com.br/blog/comentarios/do-portugues-e-bororo-nasce-linguajar-cuiabano.21/05/2010> **O linguajar cuiabano**